

Pedra e Página

Quarta-feira não era o melhor dia da semana. Eu tinha prova de literatura no primeiro horário e não tinha nem sequer aberto o livro que ia cair como assunto principal. Não sei o que esses professores têm na cabeça de querer fazer prova logo depois do almoço. Mãinha, pra piorar minha situação, fez aquela moqueca de peixe gostosa, e Deus, mancomunado com mãinha, abriu um sol de derreter as ideias. Pensando bem, não ia adiantar muita coisa ler o livro da prova: o sol e a moqueca iam me fazer esquecer tudinho, tudinho. Melhor mesmo era eu tirar uma soneca na rede pra relaxar. Estava indo pra varanda quando ouvi a intimação vinda da cozinha.

“Nada de rede, menino! Já para a escola que hoje é o dia! É bom ter estudado para a prova, vissi?”, avisou a baiana.

“Sim senhora, minha mãe...”, desviei o caminho da varanda e corri para a rua, como quem vai andando para a própria forca. Senti o sol na minha pele morena, o ardido da tarde. Escrevo qualquer coisa no papel e pronto, vou-me embora. Mas antes mereço uma casquinha de sorvete do seu Abílio, uma volta na praça, e só depois vou para a escola.

Rumei para a praça e puxei do fundo do meu bolso uma moeda de um real, esse tesouro precioso que compra a felicidade em forma de gelo derretido sabor banana. Sentei no banco da praça, do lado da estátua de um velhinho bigodudo, um tal de Jorge Amado. Painho me contou que ele era nego sabido, que tinha escrito uma montanha de livros, que era baiano da terra como eu e que era comunista. Eu lá sabia que raio era “comunista”, devia ser alguma religião. Apesar do nariz enorme, fui com a cara do velhinho.

“Quer uma lambida?”, ofereci o que sobrou da casquinha para a estátua do seu Jorge Amado, daquele jeito meio não querendo dar. A estátua, congelada na ação, não disse nada.

“Vixe Maria, nesse caso acabo eu com o sorvete!”, disse eu, feliz.

“Ô menino, pensando bem eu aceito.” Aquele bloco de pedra ao meu lado direito pegou o resto do sorvete e engoliu em uma bocada. A estátua agora era eu, queixo caído e olho saltado.

“Deixe de bobeira, parece que viu assombração.” Um Jorge Amado vivo e pulsante riu alto ao meu lado.

“Mas e num é? O senhor tava pintado de pedra esse tempo todo?”

“Quase isso, quase isso. Que livro é esse na sua bolsa?”

Ignorado na minha mochila de escola, o livro que eu deveria ter lido para a prova daquele dia.

“Tieta, é?”, perguntou o velho.

“O senhor conhece?”, perguntei eu.

“Se não conheço, moleque! Tieta faz parte de mim, sei dela melhor do que a palma de minha mão. Mulher arretada essa, deu a volta por cima nos problemas toda a vida.”

“Poxa, acho que eu devia é ter lido essa Tieta do Agreste. Ela é arretada como?”, perguntei fazendo gestos de fartura feminina. Jorge riu alto e grave, me dizendo para deixar de ser assanhado.

A conversa foi longa, mas para mim o tempo não passou. A estátua, ou melhor dizendo, o seu Jorge Amado, me ensinou mais sobre literatura do que qualquer aula na escola. Ele me contou sobre a sua Gabriela, sobre os meninos de Capitães da Areia, sobre dona Flor (que tinha dois maridos, Jesus Cristo!), sobre suas viagens e sua mulher, Zélia, que também era escritora. Explicou-me que comunismo não era religião, mas era tão complicado quanto uma e muita gente de mente fechada não gostava.

Aquele homem com cara de domingo à tarde tinha uma cabeça abençoada, pensei comigo. Comecei a perceber que naquelas páginas do livro que eu segurava estavam guardados outros mundos, memórias de uma ou de outras vidas. A vontade que eu tinha era de saber. Saber de tudo, sobre todos, começando pela arretada Tieta, depois quem sabe os marinheiros de Mar

Morto. Se mãinha ouvisse o que eu estava pensando naquele momento, chamava uma benzedeira, dizendo “Esse menino só pode estar doente. Deu pra gostar de ler agora!”.

“Ficou curioso para saber mais?”, me perguntava o Jorge estátua, talvez acostumado a adivinhar o que pensavam as pessoas da rua, levantando a sobrancelha peluda.

“Ôxi, o senhor me conta tudo pela metade. Eu quero é saber das histórias inteiras!”, respondi revoltado.

“Pois então trate de ler, meu filho. Não só os meus livros, que não são poucos. Leia de tudo, assim vai saber mais histórias que a sua vizinha mexeriqueira”, soltou a risada grave que eu tanto gostava.

Já começava a cair a tarde em Ilhéus, e percebi que há horas minha prova de literatura já era. Juntei minha mochila do chão da praça. Deve ter um bocadinho de moqueca do almoço em casa, quem sabe o seu Jorge Amado não aceitava jantar lá. Virei-me para o convite e quando vi, não havia mais o velhinho simpático que um minuto antes tagarelava comigo. Ao meu lado encontrei um bloco de pedra fria esculpida e imóvel. Levantei do banco com Tieta debaixo do braço, sonhando em um dia me tornar estátua tão genial quanto aquela que conheci na pracinha de Ilhéus.

1º lugar - “Pedra e Página”, de Fernanda Maldonado Mocelin - Colégio Bom Jesus/ Sede